

## **Gêneros textuais: a linguagem em funcionamento**

Profª Drª Silvane Aparecida de Freitas Martins – UEMS – UUP  
Pós-doutoranda – IEL/UNICAMP

### **Resumo**

Neste artigo questiona-se a seleção de textos levados para a sala de aula. Estaria o professor selecionando textos autênticos, de grande circulação na sociedade? Para isso, mediante uma entrevista com professores de Língua Portuguesa, apresentamos as concepções de gênero textual desses professores, quais os gêneros mais trabalhados em sala de aula e como fazem a opção por levar este ou aquele texto para a sala de aula.

### **Palavras-chave**

gênero textual, discurso, linguagem, leitura, escrita

## **Textual genre: the language in operation**

### **Abstract**

In this article questions is the selection of texts taken to the classroom. Would the teacher was selecting authentic texts of great movement in society? Therefore, through an interview with Portuguese-speaking teachers, we present the concepts of genre textual these teachers, which most genres worked in the classroom and how to make the option of taking this or that text in the classroom.

### **Keywords**

Textual genre, discourse, language, reading, writing.

## Introdução

Partimos do princípio de que ao se efetivar a prática de leitura de diversos gêneros textuais em sala de aula, o professor estará propiciando condições para que os leitores acionem outros discursos, busquem outras vozes, outros textos, mobilizem diferentes posições ideológicas, conheçam outros gêneros textuais em circulação na sociedade. Isso significa desenvolver as capacidades reflexivas de nossos alunos sobre as coerções e restrições que atuam nos pré-construtos sociais.

Nesse sentido, Bronckart (1999) argumenta que é papel da escola assumir-se enquanto espaço oficial de intervenção para proporcionar ao aprendiz condições para que ele domine o funcionamento textual de diferentes tipos de discurso, pois os gêneros textuais são como um instrumento que possibilita aos agentes leitores uma melhor relação com os textos, pois, ao compreender como utilizar um texto pertencente a um determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão agir com a linguagem de forma mais eficaz.

No entanto, questiona-se como o professor está selecionando os gêneros textuais a serem trabalhados em sala de aula, estaria selecionando textos autênticos, de grande circulação na sociedade? Ou privilegiariam os de sua preferência pessoal? Para isso, pretendemos, nesta comunicação, mediante uma entrevista com professores de Língua Portuguesa, que fazem parte de um grupo de estudos de formação continuada, verificar qual a concepção de gênero textual que esses professores trazem, quais os gêneros mais trabalhados em sala de aula e como fazem a opção por levar este ou aquele texto para a sala de aula. Já que cabe ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e lingüísticas de gêneros diversos, em situações reais de comunicação.

## Gêneros textuais e a função comunicativa da linguagem

O estudo de gêneros textuais tem possibilitado uma abordagem da linguagem que não mais permite compreendê-la ou estudá-la por si mesma, alheia a quaisquer fatores envolvidos na sua produção ou no uso que dela fazemos em sociedade.

Partimos do princípio, assim como Bronckart (1999), que os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas; essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis, justificando que sejam denominados de gêneros de textos, e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores.

Assim sendo, todos os usuários de uma língua moldam sua fala em forma de gêneros. (BAKHTIN, 1992). Tal concepção tem fascinado muitos lingüistas e professores devido ao fato de abordar a linguagem enquanto ação social, pelo enfrentamento da necessidade de se mudar a perspectiva de enfoque da textualidade, pela relevância que o domínio dos gêneros textuais assume para a apropriação das ações que se fazem na/com a linguagem, pelo fato de se trabalhar com o uso efetivo da linguagem, ou pela viabilidade de se abordar o uso autêntico da língua em sala de aula.

No entanto, sabemos que as teorias sobre a questão dos gêneros textuais, a importância de se abordar uma diversidade de gêneros em sala de aula têm chegado de forma muito modesta até o professor. Isso por meio de cursos de formação continuada, pelos PCN, livros didáticos e outros textos que de forma direta ou indireta chegam até os docentes da educação básica, o que não é suficiente para que se aproprie de tais concepções e as coloque em prática.

*É importante ressaltar que Bakhtin (1992), ao considerar a função comunicativa da linguagem ou dos gêneros do discurso, analisa a dialogia entre ouvinte e falante como um processo de interação ativa, não está no horizonte de sua concepção clássica o diagrama da comunicação fundado na noção de transporte da mensagem de um emissor para um receptor. No contexto de sua abordagem, toda compreensão só pode ser uma atividade; uma compreensão passiva é uma contradição em termos, mesmo que não vocalizada. Isso porque,*

*[...] a compreensão ativa do que foi ouvido pode realizar-se diretamente como um ato, pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discursos fundamentam-se apenas nesse tipo de compreensão, como por exemplo, os gêneros líricos), mas neste caso, trata-se de uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde o que foi ouvido e compreendido de*

*forma ativa encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. (BAKHTIN, 1992, p. 291).*

De acordo com tais concepções, entendemos que os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaço-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem. Sabemos que essas tradições são reconstruídas por meio de textos ou discursos.

É necessário enfatizar que apesar de tentarmos sempre identificar e classificar os gêneros textuais, isto se torna impossível, pois como ressalta Bazerman (2006), os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regulamentação. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia. Ou seja, não se prioriza a classificação, e sim as esferas de uso de acordo com o contexto sócio-comunicativo.

[...] cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social. (...) cada texto estabelece condições que, de alguma forma, são levadas em consideração em atividades subsequentes. Os textos [...] criam realidades, ou fatos, já que ambos, alunos e professores, vivem naquilo que eles explicitamente afirma e nas estruturas de relações e atividades que implicitamente estabelecem (...). Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*.(BAZERMAN, 2006, p. 22).

Por serem os gêneros rotinas sociais, devemos não considerá-los como imutáveis, ao contrário, devemos considerá-los como “formas culturais e cognitivas de ação social, fenômenos lingüísticos”(MARCUSCHI, 2005, p. 18-19), pois já que a sociedade transforma-se no decorrer dos tempos, é óbvio que a linguagem e, conseqüentemente, os gêneros se adequem às novas realidades e perspectivas cotidianas, o que faz com que os gêneros se multipliquem a cada instante, sendo então considerados flexíveis e variáveis, tanto quanto o uso da linguagem.

A imensa variedade e riqueza dos gêneros discursivos refletem a necessidade de comunicação, pois em cada situação, um gênero é desenvolvido com o intuito de

materializar o discurso adequadamente ao contexto situacional e, conseqüentemente, difundir a história de geração a geração. Nesse sentido, Bakhtin (1992, p. 285) afirma que

[...] os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.

É na interação social que o gênero se torna significativo, é em sua concretização que expressa as diversas formas de comunicar, de entender e ser entendido, de significar a realidade em todos os sentidos.

Se temos alguns gêneros mais ou menos estabilizados, que são mais definidos e rotulados, devido a certas práticas comunicativas serem mais freqüentes em nossa sociedade, Dolz e Schneuwly (2004), sem negar as proposições teóricas citadas, optam pelo enfoque de agrupamento de alguns gêneros, sobretudo os que estão mais ou menos estabilizados em nossa cultura, pensando na progressão sistematizada dos aspectos lingüísticos que caracterizam os gêneros textuais. Para isso esses autores afirmam que é preciso que esses agrupamentos;

1. correspondam às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade (inclusive a escola);
2. retomem, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figuram em numerosos manuais e guias curriculares;
3. sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagens dominantes implicadas na mestria dos gêneros agrupados. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 58-59).

Os gêneros para esses pesquisadores são os mega-instrumentos para agir em situação de linguagem. A mestria de um gênero aparece como co-constitutiva da mestria de situações de comunicação. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana, consideramos

que todo gênero se define por três dimensões essenciais: 1) os conteúdos que são dizíveis por meio dele; 2) a estrutura particular dos textos pertencentes ao mesmo gênero; 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, que são, sobretudo, traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura.

Assim sendo, uma certa categorização para fins de ensino/aprendizagem da escrita pode ser viável. Entretanto, não da forma que a escola sempre concebeu a questão dos gêneros, uma vez que a escola sempre abordou os gêneros textuais em sala de aula, pois para se atender ao objetivo de ensinar os alunos a ler e a escrever, o professor sempre teve que se utilizar de textos. No entanto, questiona-se com qual concepção de gêneros a escola tem trabalhado.

A particularidade da situação escolar reside no fato de que a realidade torna-se bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero passa a não ser mais instrumento de comunicação somente, passando a ser também objeto de ensino/aprendizagem. O aluno passa a encontrar-se num espaço do “como se” em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem, aparecendo como tipos ideais, puros a serem aprendidos na escola. Diante do exposto, Scheneuly & Dolz (2004) demonstram três abordagens de ensino da escrita e da oralidade: 1) desaparecimento da comunicação na escola; 2) a escola como lugar de comunicação; 3) negação da escola como lugar específico de comunicação.

Na primeira abordagem, temos que a comunicação desaparece quase que totalmente em prol da objetivação, e o gênero torna-se “uma pura forma lingüística, cujo domínio é o objetivo”(SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 76). Em razão disso, o gênero, instrumento de comunicação e ação social, transforma-se em forma de expressão do pensamento, da experiência ou da percepção. Os gêneros tratados na sala de aula são considerados desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica, tratando-se de autênticos “produtos culturais da escola”.

Na segunda abordagem, a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares, ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. O funcionamento da escola se transforma de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe; entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas.

Na terceira abordagem, os gêneros que funcionam nas práticas de linguagem entram como tais na escola, como se houvesse continuidade absoluta entre o que é externo e interno à escola. Os gêneros entram sem estorvo na escola. A escola não é considerada um lugar particular de comunicação, pois nela também há a simulação de trabalhos com a linguagem. As exigências de diversificar a escrita, de criar situações autênticas de comunicação, de ter boas razões para falar/escrever, de se referir aos textos autênticos são o *slogan* dessa abordagem. Os procedimentos pedagógicos podem ser diferenciados: tanto podem privilegiar uma via funcional, como insistir na necessidade de instrumentação.

Consideramos que esta abordagem é a união das duas primeiras, mas com objetivos definidos, pois o que é visado é o domínio, o mais perfeito possível, do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado.

Para que se operem essas transformações nas relações ensino/aprendizagem, necessário se faz um redimensionamento na forma de trabalhar a linguagem. Hoje é consensual que esse trabalho deva ser centrado no texto. Segundo Brandão (2003), uma abordagem que privilegie a interação não pode estudar o texto de forma indiferenciada, em que, qualquer que seja o texto, vale o mesmo modo de aproximação. Uma abordagem que privilegie a interação deve reconhecer a importância de se trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais, com diferentes formas de textualização, visando a diferentes formas de interação.

Defendemos o princípio de que o trabalho com a diversidade de gêneros discursivos em sala de aula é uma alternativa para a formação de um leitor crítico, pois é função do professor ampliação dos conhecimentos sócio-discursivo do aluno em processo de formação, para isso é preciso incentivar o gosto pela leitura dos estudantes; proporcionar situações que vise ao interesse permanente pela leitura de diversos gêneros e para inúmeros fins.

Para isso, seria necessário que o professor trabalhasse com textos o mais próximo possível dos reais, dos mais circulados socialmente, e não com simulações de textos e fragmentos de livros didáticos, descontextualizados sem relacionar com a funcionalidade e a historicidade. Além disso, seria necessário que se assumisse a concepção de que os estudos dos gêneros

[...] são necessários exatamente porque nós não compreendemos os gêneros e as atividades de áreas não-familiares que são importantes para nossos alunos. Até mesmo aqueles sistemas de gêneros e atividades com os quais estamos, até certo ponto, mais familiarizados, podem ser submetidos a análises adicionais, de modo que possamos agir de forma mais eficaz e precisa, com uma noção mais articulada do que está acontecendo. (BAZERMAN, 2006, p. 37).

*Schneuwly (2004, p. 22) evidencia que “o ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos”. Seguindo essa mesma perspectiva, Bronckart (1999, p. 62) evidencia que:*

*Uma ação de linguagem exige do agente produtor uma série de decisões, que ele necessita ter competência para executar. Tais decisões referem-se, em primeiro lugar, à escolha do gênero mais adequado, além de outras relativas à constituição dos mundos discursivos, à organização seqüencial ou linear do conteúdo temático, à seleção de mecanismos de textualização e de mecanismos enunciativos.*

*A escolha do gênero levará em consideração os objetivos visados, o lugar social, os papéis dos participantes e uma real adaptação entre gênero e valores particulares.*

## A prática de leitura e escrita com diversos gêneros na escola

Um dos méritos do trabalho pedagógico com gêneros textuais é o fato de proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma conseqüência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Um texto, segundo Fairclough (2002, p. 136), além de incorporar, responder a outros textos, intertextualmente pode incorporar relações potencialmente complexas que tem com as convenções (gêneros, discursos, estilos, tipos de atividades) que estão estruturadas juntas e constituem uma ordem de discurso. Nesse sentido, Bakhtin (1992), observa que os textos podem não só recorrer a essas convenções de um modo



relativamente direto, mas também reacentuá-las, por exemplo, usando ironicamente, reverentemente, parodiando-as, ou podem mesclá-las de vários modos.

Objetivando verificar se os professores de língua materna, que trabalham com uma diversificação de gêneros textuais em sala de aula, têm consciência sobre a importância do trabalho que desenvolvem, optamos por investigar mais de perto essa questão, por meio de um questionário distribuído a professores de língua materna que participam conosco de um curso de formação continuada. Dentre as dez questões realizadas com os professores selecionamos três que estavam mais em consonância aos objetivos propostos para esta comunicação.

Na investigação realizada, ao perguntarmos aos professores como definiriam gêneros textuais, obtivemos as seguintes respostas:

1. Os gêneros textuais variam de acordo com a intenção de seu produtor, ou seja, quando requer, persuadir, defender idéia ou discutir idéia, ele argumenta; quando quer transmitir características ou retratar, ele descreve; se quer informar, expõe; se quer refletir sobre alguma forma da realidade ou transmitir idéias, ele narra, ou cria ficção.
2. São os diversos tipos de textos existentes
3. Consiste na variabilidade existente de produções e/ou tipos textuais.
4. Literário e não literário.
5. São tipos de textos, por exemplo, poesia, dissertação.
6. Literário e não literário.
7. São aspectos formais de textos, que evidenciam a manifestação diferenciada de situações da vida humana.
8. Não respondeu.

Percebe-se que esses professores ainda não entendem que os gêneros textuais emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (BAZERMAN, 2006, p.31). Há um entendimento de que gêneros textuais e tipos textuais são sinônimos, principalmente ao se afirmar “quando requer persuadir, denfender uma idéia, ele argumenta; quando quer transmitir características, ele descreve” (P1); “são os diversos tipos de textos existentes” (P2); “são tipos de textos...” (P5); “são aspectos formais de textos” (P7); “são os textos literários e não literários” (P4 e P6).

Afirmações como as de (P1),(P2), (P5) e (P7), mesmo que inconscientemente, remetem-nos muito diretamente à corrente lingüística que considera a produção verbal apenas no nível de seu produto lingüístico, cujas classificações de textos são denominadas tipologias textuais, pois centra-se exclusivamente na organização sintática interna das unidades que aparecem nos textos e exclui de seu objeto a problemática do modo de relação que essas mesma unidades mantêm com os parâmetros externos da ação da linguagem.

Já os que responderam que os gêneros são literários e não literários, apesar de não nos direcionar a nenhum evento comunicativo, podem ter em mente que, na categoria de texto literário, há vários gêneros, assim como dentre os não literários também há vários outros gêneros. No entanto, antes de classificarmos um texto em literário ou não literário, é bom ressaltar que a poesia é fruto de uma tensão própria, que confronta tradição e inovação. Assim, não podemos esquecer das referências externas a que nos remete o poema. Circunstâncias históricas ou biográficas, outros textos, outras formas de arte. Portanto, antes de categorizarmos um texto em literário e não literário, precisamos levar em consideração as condições sócio-históricas de produção, pois consideramos que a poesia, mencionada por (P5), pode estar presente em inúmeros gêneros textuais, já que os textos são híbridos. Em se tratando de gêneros textuais, não há textos puramente dissertativo, poético, ou narrativo, o que encontramos são gêneros compostos por diversos tipos de discursos.

Podemos afirmar que somente (P1), apesar de sua definição ainda centrar na questão dos tipos textuais, tem uma definição de gênero textual que leva em consideração a função comunicativa da linguagem, ou seja, os objetivos a serem atingidos pelo produtor do texto. O texto é definido por (P1) como variável de acordo com a intenção de seu produtor, assumindo, assim, a concepção de forma comunicativa global, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sócio-discursivas. (BRONCKART, 1999, p. 149).

Ao perguntarmos quais os gêneros textuais mais trabalhados em sala de aula, obtivemos as seguintes respostas:

1. Na minha realidade, na escola particular, de tudo
2. Conto, poesia, crônica, textos jornalísticos, epopéia, paródias, paráfrases, música etc.

3. Narração: contos, crônicas e teatro entre outros. Poesia, epopéia, música e paródia. Dissertação: Leitura e escrita acerca de temas atuais, ou seja, textos jornalísticos.
4. Com mais intensidade os fragmentos de livros.
5. Poesia, dissertação, paródia...
6. Com mais intensidade os fragmentos de livros.
7. Poemas e textos narrativos.
8. Os informativos e literários. Estes despertam mais o interesse e a atenção dos alunos.

Apesar de notarmos uma diversidade de gêneros citados por esses professores, tais como: poesia, crônica, textos jornalísticos, epopéia, paródias, paráfrases, músicas, textos dissertativos, observa-se que o professor está muito preso aos textos tradicionais/modelos que sempre foram veiculados na escola, não houve menção aos textos emergentes no mundo da tecnologia e os mais circulados no dia-a-dia de nossos jovens em escolarização, tais como os *blogs*, os *chats*, as charges, as tiras jornalísticas, as histórias em quadrinhos, carta ao leitor, os noticiários, panfletos, propagandas. Muito menos, os textos mais simples usados diariamente pelas pessoas em casa ou no trabalho como os bilhetes, as listas, as cartas familiares, os ofícios, o *curriculum vitae*, as orações religiosas e outros.

Segundo Marcuschi (2005), o gênero textual é a manifestação mais visível da organização da sociedade, envolve crucialmente linguagem, atividades enunciativas, intenções e outros aspectos. Serve para perceber como se organizam valores e como se opera com eles. Eles são fenômenos relativamente plásticos da identidade social e organizacional bastante grande e é parte constitutiva da sociedade. No entanto, a escola ainda prefere os circulados nos manuais didáticos, ou seja, os que já são tradicionalmente escolarizados.

Sobre o critério adotado na escolha dos textos a serem levados para a sala de aula, obtivemos as seguintes respostas:

1. No sistema apostilado, eles vêm definidos de acordo com a temática definida para o grupo e na pública, começando agora literatura, tenho escolhido particularmente textos que levantam a reflexão da importância da leitura.
2. Escolho textos que chamem a atenção dos alunos e de acordo com a realidade deles. Também os atuais.

3. Ainda não estabeleci um critério específico, procedo de acordo com a necessidade da turma e/ou do trabalho desenvolvido em sala de aula.
4. Faixa etária e também preferência individual.
5. A série, o gosto do aluno e o que eu pretendo com esse texto.
6. Dependem do nível em que você está trabalhando com o aluno, faixa etária, preferência individual.
7. Textos com conteúdos significativos, linguagem simples e correta.
8. Sempre procuro textos de fácil interpretação e que passam algumas informações, textos em que eu posso explorar bastante a gramática.

É louvável o fato de alguns deles (P2) e (P6) levarem em consideração o interesse do aluno, mas também cabe ao professor interferir nesse gosto, pois ninguém gostará de algo que nunca viu, vivenciou ou leu. É função do professor instigar o aluno a conhecimentos novos, a ampliar sua visão de mundo e isso se concretiza, sobretudo, por meio da leitura de textos de diversos gêneros.

Assim sendo, além de incluir os de interesse dos alunos, cabe ao professor fazer uma reflexão sobre quais os gêneros mais importantes e significativos (assim como citado por P7) para determinada turma e por que razões os textos escolhidos são os mais importantes. Para isso, necessário se faz levar em consideração a circulação dos gêneros na sociedade, o seu uso, as características discursivas, lingüísticas e temáticas dos textos que são importantes que o aluno discuta em sala de aula, comente e conheça as condições de produção e de circulação do gênero escolhido. É importante que o professor ao escolher os portadores de textos a serem levados para a sala de aula, considere os folhetins, o jornal, a revista, os textos eletrônicos, os outdoors, além dos literários que a tradição sempre recomendou.

Devido à complexidade que a questão dos gêneros suscita e à importância de se trabalhar com toda essa diversidade e de se valorizar os gêneros emergentes em nossa sociedade, defendemos o princípio de que é de suma importância o agrupamento dos gêneros para a operacionalização didática. Os gêneros, segundo Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), podem ser agrupados em função de certo número de regularidades lingüísticas e de transferências possíveis.

Como, por exemplo, dentro da literatura ficcional, no tipo narrativo, podemos ter os seguintes gêneros: conto maravilhoso, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção, histórias em quadrinho e outros com características semelhantes. Assim sendo, os

autores supra citados apresentam uma sugestão de agrupamento dos diversos gêneros que em muito poderá contribuir para a organização do trabalho didático em sala de aula.

Além disso, é relevante considerar, conforme Bazerman (2006), que ao introduzir diferentes textos, estaremos introduzindo não apenas diferentes tópicos, mas introduzindo diferentes padrões interativos, atitudes e relações. A escolha de um texto pode influenciar se faremos apostas e piadas sobre um jogo de futebol, discutiremos política, admiraremos ou invejaremos as aventuras uns dos outros, ou montaremos esquemas para os projetos em comum. Uma vez que uma dessas atividades padronizadas é aceita, ela pode proporcionar oportunidades de interação até que o clima seja quebrado e uma nova atividade seja introduzida. Numa sala de aula, o trabalho de um professor freqüentemente serve para definir gêneros e atividades, e, fazendo isso, criar oportunidades e expectativas de aprendizagem.

### Considerações finais

Podemos afirmar que apesar de o professor tentar diversificar gêneros textuais trabalhados em sala de aula, por meio de seu discurso, percebe-se que ele não relaciona esses textos com uma prática que desencadeia uma ação social, não se preocupa em trabalhar textos autênticos, com a linguagem em funcionamento e com as situações de produção. Ou seja, a escola não tem sido um lugar autêntico de comunicação, em que alunos de uma sala comunicam-se com outros, que se publicam textos em jornais e revistas, que se fazem denúncias, aclamações, reivindicações reais por meio da escrita. A escola tem sido um local de simulação de ações que se fazem com a linguagem que, dependendo da forma em que esse trabalho é desenvolvido, até poderá surtir efeitos positivos para que o aluno possa melhor dominar e/ou apreciar um gênero e posteriormente utilizá-lo numa situação real de comunicação, mas é fora da escola.

Para ampliar o trabalho desenvolvido pelos professores, seria necessário criar condições para que os alunos pudessem apropriar-se das características discursivas e lingüísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser desenvolvido por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social em situações reais.

Além disso, ao focalizar o gênero como um tipo de texto, um gênero particular é associado com uma estrutura composicional particular, ou conforme a terminologia de Fairclough (2002), um tipo de atividade particular, que pode se especificado em termos de uma seqüência estruturada de ações das quais essa atividade é composta, e em termos dos participantes envolvidos na atividade – isto é, o conjunto de posições de sujeito que são socialmente constituídas e reconhecidas em conexão com o tipo de atividade desenvolvida.

Diante do exposto, podemos perceber a importância e a necessidade de se trabalhar os diversos gêneros discursivos na escola, pois é um valioso instrumento de comunicação e ação no processo ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, um fator imprescindível e decisivo na formação do indivíduo, considerando que todo gênero discursivo é dotado de valores de uma prática social e fazem parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC: 1999.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão oral e escrita – elementos para reflexão de uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2002.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e Oralidade no Contexto das Práticas Sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I (Org.). **Investigando a relação oral/escrito**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B. BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da vitória: Editora Kaykangue, 2005. p.17-34.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 21-40.